

## EDITORIAL

### APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS DESTA EDIÇÃO

Abrindo a primeira edição de 2024, os autores Tiago César Farinelli e Marcelo Augusto Ambrozini, no artigo **“Gestão do Capital de Giro: Estudo Sobre o Ponto Ótimo de Investimento nas Empresas Brasileiras”**, buscaram investigar qual o ponto ótimo de investimento em capital de giro das empresas brasileiras e seu impacto na rentabilidade. Utilizando uma amostra de 289 empresas brasileiras não-financeiras, os resultados demonstraram uma relação não linear em U invertido entre a rentabilidade e os dois índices construídos (INIG e IST). Portanto, considerando tanto os ativos e passivos circulantes do grupo operacional quanto os ativos e passivos circulantes do grupo financeiro, os resultados apontaram para um ponto ótimo do investimento em capital de giro, o qual maximiza a rentabilidade pelo equilíbrio dos custos e benefícios desse tipo de investimento. O principal impacto gerencial trazido através dessas constatações é que os gestores podem buscar maior rentabilidade para as empresas pelo esforço de manter o nível de investimento em capital de giro da firma o mais próximo possível do ponto ótimo, e não simplesmente pela formulação de uma estratégia agressiva ou conservadora.

No artigo **“Decisões de Estrutura de Capital das Empresas Brasileiras de Capital Aberto a Partir das Teorias de Pecking Order e Trade-Off e a Influência da COVID-19”**, os autores Júlio César Mendes de Souza, Ednilson Sebastião de Ávila e José Willer do Prado avaliaram as decisões de estrutura de capital das empresas brasileiras de capital aberto a partir das teorias de Pecking Order e Trade-off e a influência da COVID-19. Com uma avaliação de 187 empresas da B3, e utilização de regressões, os resultados indicaram que as empresas aumentaram o nível de endividamento no

período pós-pandemia. A variável pandemia não apresentou significância estatística em nenhum dos modelos avaliados, todavia, os impactos ocorridos nas empresas ao longo do período analisado são atribuídos à pandemia da COVID-19 em outros estudos. A variável lucratividade demonstrou-se significativa e positiva com relação ao endividamento de longo prazo, seguindo os pressupostos da Trade-off. Entretanto, mostrou-se significativa e negativa com relação ao endividamento de curto prazo, conforme estabelecido na Pecking Order. Já a oportunidade de crescimento apresentou relação significativa e positiva, também em conformidade com a Pecking Order.

O artigo **“Quais Fundamentos Financeiros Contribuem Para a Resiliência das Empresas Estabelecidas no Brasil?”**, dos autores David Ferreira Lopes Santos, Elimar Veloso Conceição e William Fernando Innocêncio da Costa objetivou avaliar os fundamentos econômicos e financeiros que conferem resiliência às empresas brasileiras diante de crises institucionais e econômicas, como a subprime, o impeachment, a greve dos caminhoneiros e a COVID-19. A análise, conduzida por meio de regressão com dados em painel, apontam para a variação dos fundamentos econômicos e financeiros que explicam a resiliência das empresas em cada crise. Em comum, identificou-se que indicadores tradicionais de rentabilidade sobre o investimento e sobre o patrimônio foram positivos e significativos para as empresas resilientes em todas as crises analisadas.

Em **“A Política de Dividendos e a Qualidade dos Lucros das Empresas Listadas na B3”**, dos autores Elizio Marcos dos Reis, Wagner Moura Lamounier e Valéria Gama Fully Bressan, o objetivo consistiu em verificar as relações existentes entre a política de dividendos e a qualidade dos lucros das empresas de capital aberto listadas na B3, medida pelo nível dos accruals anormais estimados. Com informações de 194 empresas listadas na B3, coletadas entre 2010 e 2023, os resultados apontaram que empresas pagadoras de dividendos, bem como a magnitude do pagamento de dividendos não estão relacionadas a uma melhora da qualidade dos lucros das empresas. Apesar disso, os resultados evidenciaram que as empresas que pagam dividendos regularmente possuem melhor qualidade dos lucros do que aquelas que não pagam dividendos regularmente.

Os autores Camila Adam, Jules Kout Tene e Moacir Manoel Rodrigues Júnior, no trabalho denominado **“Influência Familiar no Retorno, Valor e Risco das Empresas Brasileiras”**, analisaram a relação entre a influência familiar no retorno, valor e risco das empresas brasileiras. Por meio de um estudo documental com 108 empresas familiares brasileiras de capital aberto com ações negociadas na B3 no período de 2014 a 2018, constatou-se que não há relação significativa entre a influência familiar e o retorno das ações. Por outro lado, quanto maior a participação familiar no Conselho de Administração e quando o CEO pertence à família maior o valor de mercado e o risco das ações. Além disso, constatou-se que quanto maior a participação familiar na diretoria menor é o valor de mercado e o risco das ações e quando há dualidade do CEO menor o valor de mercado.

No artigo **“Espelho, Espelho Meu: O Perfil Pessoal Explica o Comportamento Empreendedor?”**, de autoria de Wilton Alexandre de Melo e Wenner Gláucio Lopes Lucena, o objetivo consistiu em verificar quais particularidades do perfil pessoal explicam as características do comportamento empreendedor, tendo como variáveis sociodemográficas a faixa etária, o nível de escolaridade, o estado civil e o nível de renda média. Utilizando-se de questionário aplicado com empreendedores das duas maiores cidades da Paraíba, os resultados demonstraram que dentre as quatro variáveis preditoras, apenas a faixa etária e o nível de renda média explicam, moderadamente, características empreendedoras voltadas ao bloco de realização, ou seja, são fatores primordiais na busca de oportunidades e iniciativas de criação de negócios, assunção de riscos calculados, persistência frente aos obstáculos, tanto na criação quanto na gestão dos negócios, exigência de qualidade e eficiência e comprometimento na atividade exercida.

Em **“Estratégias Genéricas e Desempenho Econômico-Financeiro de Operadoras Brasileiras de Planos de Saúde”**, dos autores Ewerton Alex Avelar, Vanderson Ribeiro Gonçalves, Sérgio Louro Borges e Joyce Mariella Medeiros Cavalcanti, o objetivo foi investigar a relação entre as estratégias genéricas adotadas pelas operadoras de planos de saúde (OPS) no mercado brasileiro e seu desempenho econômico-financeiro. Com a utilização de dados de 358 OPS entre 2011 e 2021, os resultados indicaram que as operadoras têm limitações para se aprofundar em apenas

uma estratégia. Além disso, adotar alguma das estratégias implicou desempenho superior a longo prazo. As análises sugeriram que quando as OPS objetivam aumentar o crescimento das vendas, deveriam buscar a orientação estratégica de liderança em custo ou híbrida. Por outro lado, verificou-se que a estratégia de diferenciação foi a única que impactou positivamente os indicadores de rentabilidade. Esses resultados contribuem para a compreensão de como as OPS vêm se posicionando frente à concorrência com base em estratégias competitivas.

No último artigo da edição, denominado **“Análise Multifractal do Ibovespa: Dinâmicas de Preço, Volume Negociado e Eficiência de Mercado”**, os autores Alexandra Kelly de Moraes, Paulo Sérgio Ceretta e Luiz Gonzaga Castro Júnior analisaram as flutuações de preço, volume negociado e correlação cruzada do Ibovespa por meio de métodos multifractais, buscando compreender as dinâmicas do mercado financeiro brasileiro e fornecer suporte para decisões financeiras mais informadas. Utilizando a Análise de Flutuação Destendenciada Multifractal (MF-DFA) e Análise de Correlação Cruzada Multifractal (MF-DCCA) para examinar séries temporais do Ibovespa em reais e dólares, compreendendo o período de janeiro de 2010 a setembro de 2022, os resultados revelaram características multifractais nas séries diárias, com flutuações tanto anti-persistentes quanto persistentes, refletindo a complexidade do mercado financeiro brasileiro. Durante períodos críticos, como a recessão provocada pela pandemia da Covid-19, observou-se um aumento significativo na volatilidade e no volume negociado, sugerindo respostas emocionais dos investidores. Além disso, a persistência nas tendências de preço e volume aponta para um comportamento com memória de longo prazo, mesmo em cenários de instabilidade global.

**Boa leitura a todos!**

**ADRIANA FERNANDES DE VASCONCELOS**  
**Editora Geral**

**ANNA PAOLA FERNANDES FREIRE**  
**Editora Adjunta**

**CLÁUDIO MARCELO EDWARDS BARROS**  
**Editor Adjunto**

**IAGO FRANÇA LOPES**  
**Editor Adjunto**

**LIDIANE NAZARÉ DA SILVA DIAS**  
**Editora Adjunta**

**MARCO AURÉLIO DOS SANTOS**  
**Editor Adjunto**

**VAGNER ANTONIO MARQUES**  
**Editor Adjunto**